



## QUANDO DEUS FALA POR MEIO DAS IMAGENS

*Nascida em Fortaleza, no Ceará, no ano de 1985, a jovem artista plástica **Maria Fonseca** se dedica à Arte Sacra desde seus 14 anos de idade. Oriunda de família católica e firmada na tradição e influência da Igreja Católica Apostólica Romana, a artista, que é especialista em Arte Sacra e em iconografia bizantina, despertou o seu dom artístico desde criança, o qual foi se aprimorado numa comunidade católica chamada Shalom, onde ela cresceu. A partir daí e da sua paixão pela liturgia, ela começou a produzir ícones e não parou mais.*

*Numa conversa com a jornalista Mariana Mascarenhas e com o Prof. Dr. Jack Brandão, ela contou um pouco de sua trajetória artística, dando uma verdadeira aula sobre o universo iconográfico, abordou os desafios do seu trabalho e as obras que já fez em diferentes partes do Brasil, entre outros assuntos.*

### **LV – Poderia contar sobre sua trajetória artística? Como se deu o interesse pela Arte Sacra, em especial pela iconografia bizantina?**

MF – A minha trajetória artística foi despreziosa, eu nunca havia conhecido artistas sacros até então, mas tudo foi fluindo. Eu já tinha um talento artístico desde quando participava de uma comunidade católica chamada *Shalom*, em Fortaleza, onde havia diversas capelas, aconteciam eventos e eu, assim como outras pessoas, fazíamos ícones – da Santíssima Trindade, do Batismo, entre outros – relacionados ao tema dos eventos

ou a um tema que era próprio da capela, onde seria colocado determinado ícone. Nós pintávamos sem nenhuma técnica, fazendo cópias; posteriormente, eu fiz um curso e, a partir de então, passamos a fazer algo mais elaborado, mais votivo.

Antes disso, duas pessoas haviam feito um curso de iconografia e me transmitiram um pouco da técnica aprendida, a qual fui aplicando, mesmo sem fazer uma formação ainda. Quando eu cheguei a fazer o curso de iconografia, já trabalhava com ícones em tábuas grandes, de um a três metros, ou folha inteira, e depois vieram os trabalhos com afrescos, nas paredes e minha trajetória foi se desenhando. No começo eu não lucrava nada com esses trabalhos, era algo voltado, exclusivamente, para Deus.

Na época, quando tudo começou, eu só tinha 14 anos de idade e cheguei a vender minha prancha de surfe, pois eu surfava, para comprar pincel e tinta, mas ainda não tinha noção de que área queria seguir, era uma estudante. As coisas foram acontecendo, eu fiz o curso de iconografia, me desvinculei da comunidade *Shalom*, fiz outros trabalhos, mas nunca deixei de pintar. Então chegou um momento em que o trabalho artístico me demandava muito tempo. Hoje eu digo que sou uma profissional da área; mas, anteriormente, não era. Aos 16 anos, por exemplo, eu fiz um curso com Claudio Pastro (*falecido em 2016, considerado um dos maiores artistas sacros*



*do Brasil*), com o único intuito de aplicar a técnica aprendida na comunidade onde eu exercia o trabalho pastoral. Meu objetivo, então, era apenas contribuir com a Igreja; hoje, tenho dois objetivos: contribuir com a Igreja e garantir meu sustento.

**LV – Você sempre morou em Fortaleza?**

MF – Não, eu cheguei a morar em outras cidades, como São Paulo, onde passei dois anos para fazer o curso de iconografia com um padre chamado Dimitrios, na Igreja Greco-Melquita *Nossa Senhora do Paraíso*. Quando eu completei um ano de curso, eu convidei uma senhora que era artista e tinha uma escola de arte e cultura, um centro cultural, com várias atividades como música, pintura, desenho, balé, yoga, artes marciais, entre outras. Devido a sua falta de tempo, ela me pediu para fazer o curso e repassar a ela o que eu aprendesse. Assim, comecei a dar aulas para ela e, posteriormente, passei a ensinar o pároco da igreja que ela frequentava. Este, por sua vez, trouxe mais uma pessoa da sua igreja e um outro padre amigo para ter aulas comigo e a turma foi crescendo, todavia, era algo que não me sustentava financeiramente, e eu comecei a ensinar muitas pessoas.

Então eu saí de São Paulo e fui para Fortaleza, onde segui dando aulas e pintando ícones, aleatoriamente, em igrejas, mas ainda num ritmo pequeno. E, quando me desvinculei da comunidade *Shalom*, segui pintando e tudo foi tomando forma, pois eu mesma achava que, ao sair da comunidade, não trabalharia mais com pintura sacra, mas ocorreu o contrário,

foram surgindo mais trabalhos. Além disso, quando se expõe o trabalho na internet, ele acaba ganhando uma repercussão muito maior. Na época ainda não havia *instagram*, eu comecei expondo minhas pinturas em *vlog*, depois migrei para o *blogspot* e, posteriormente, para as redes que foram surgindo: *orkut*, *facebook*, *instagram*...

**LV – Você diria, então, que as redes sociais a auxiliaram muito na divulgação do seu trabalho, principalmente para quem não a conhecia?**

MF – Sim. Os padres dos tempos atuais são mais jovens, pertencem, praticamente, à minha geração. Então possuímos a mesma linguagem, utilizamos as mesmas ferramentas, como as redes sociais, pensamos de forma semelhante. Tudo isso acaba facilitando a nossa comunicação.

**LV – Por que você se desvinculou da comunidade *Shalom*?**

MF – Na verdade, eu nunca cheguei a entrar nessa comunidade, mas sempre participei devido aos meus pais, que atuaram em sua fundação. Quando eu nasci, minha mãe já era consagrada na comunidade, eu estudei no colégio *Shalom*, quando eu era criança, fui junto com meus pais para a cidade de Natal, onde eles atuaram como missionários da comunidade. Assim, trata-se de um mundo do qual sempre participei, mas nunca estive inserida plenamente. No entanto, eu cheguei a ingressar no *Shalom*, aos 17 anos, como missionária e passei dois anos em missão na cidade de Recife. Essa experiência foi muito válida para mim, mas



eu acredito que nem tudo é para sempre, eu posso dizer que o caminho nos direciona, eu o vejo como uma providência; pois, se eu não tivesse nascido no *Shalom*, talvez eu nunca encontrasse a iconografia.

**LV – Poderia falar um pouco mais sobre como o *Shalom* proporcionou esse contato com a iconografia?**

MF – Hoje, tanto no Ceará como em outros lugares, até mesmo nas comunidades novas, o contato com a iconografia ocorreu graças ao *Shalom*, que trouxe, na época, em seus congressos e eventos, pregadores de fora, como carmelitas, entre outros, que vinham com ícones pequenos nas mãos. Ao despertarem um certo interesse nas pessoas, esses pregadores começaram a fazer suas pregações sobre o ícone, algo que foi se difundindo, pois, até então, o brasileiro não o conhecia, ao menos que ele fosse a uma igreja ortodoxa, pois não era algo destinado ao povo. O ícone pertencia à Igreja Oriental e somente os orientais poderiam tê-lo em sua casa, a não ser que viajasse para fora do país. Portanto, comunidades como o *Shalom*, que, muitas vezes são julgadas, permitiram o contato do ícone com o povo.

Por isso, hoje, o ícone desperta curiosidade; quando alguém o vê numa igreja latina, por exemplo, quer saber mais a respeito e descobre que ele vem dos ortodoxos, da tradição bizantina. Ao pesquisar na internet a respeito, muitas pessoas já manifestam a vontade de conhecer países como a Rússia e a Grécia para saber mais. Esse despertar também

ocorreu comigo e então eu comecei a comprar livros para conhecer mais sobre o tema.

**LV – Algo que nos chama a atenção é o boom ocorrido nas igrejas, a partir da década de 90, da presença de ícones como o *Pantocrator* (um dos mais significativos ícones do Cristianismo que retrata Jesus com a mão direita em posição de bênção, com dois dedos erguidos representando a dupla natureza, e os demais voltados para a palma da mão junto ao polegar, indicando a Trindade), por exemplo. Algo que ocorreu mesmo dentro da chamada Teologia da Libertação (TL) que, de uma forma germinal, também passou a utilizar a iconografia bizantina. Poderia comentar a respeito?**

MF – Trata-se de algo bem interessante porque a Teologia da Libertação é mais voltada para o povo. Chega a ser estranha a utilização de ícones na TL, pois ela é totalmente oposta à teologia da iconografia que, por sua vez, é completamente teologal, espiritual, algo que a TL não procurou, já que esta segue uma linha mais prática, política e popular, que se reclinou. Assim, ela difere do ícone, pois este nos eleva para onde existe um Deus que é soberano e nós nos abaixamos para vê-lo. A TL preza o contrário, pois, segundo ela, é Cristo quem se abaixa para ver o outro, algo presente na prática visual.

Já o ícone, diferente da TL, é muito antigo, de modo geral é oriundo do primeiro milênio pós-Cristo. É a teologia em que não se pode representar a figura de Cristo, nem de Deus, como pessoa humana. Ele



dispensa toda a naturalidade humana, o que está em vida, porque já atingiu a glória. Diante disso, houve muitas heresias e muitos concílios referentes à intervenção iconográfica; foi a partir de então que surgiram heresias e seus movimentos rebeldes dentro da Igreja e, por conta da influência iconográfica, foi permitido representar Deus em Jesus como “figura humana”, mas não totalmente humana, pois Jesus é cem por cento Deus e cem por cento homem.

A partir daí, surgiram todos esses questionamentos que hoje, praticamente, são dogmas da Igreja, dogmas de fé. Portanto, a iconografia é muito mais profunda e teológica do que um movimento, onde se levanta uma bandeira e se diz: “é desse jeito que deve ser”. Trata-se de uma questão pura da própria história e dos primeiros cristãos. Ela tem as suas regras, que dispensam sensualismo, banalidades, a plasticidade do tempo e o momento presente, pois o ícone é atemporal, é a palavra em imagem, possui a palavra de Deus, é mais catequético e teológico do que uma pintura meramente religiosa, que é só devocional, em que eu acredito porque é minha fé, como um amuleto.

**LV – Podemos dizer, então, que não há uma mudança no ícone, já que este é atemporal?**

MF – Ele muda quando se trata de um santo canonizado, por exemplo. Eu pintei a Irmã Dulce dos Pobres, que hoje é santa, e, na época, escrevi apenas Dulce dos Pobres, pois ela ainda não havia sido canonizada, somente beatificada. Mas,

meses depois, ela foi santificada, e eu já havia deixado um espaço na obra para escrever “Santa” antes de Dulce dos Pobres. É importante saber que o ícone não pode representar ninguém que não seja santo, que tenha sido beatificado, ou que tenha alguma história com a Igreja. Então, há que se ter muito cuidado a respeito, pois surgem muitas pessoas para pintar, representar e copiar um ícone, sem, ao menos, entender o que está sendo feito.

Há pessoas que pintam o Cristo com roupa verde, mas ele não pode ser representado dessa forma, pois existe um motivo, uma intenção: Cristo deve ser representado com roupas de luz, em tons de amarelo e branco, ou vermelho e azul, ou todo azul, com raios claros. Pois ele é a luz, tanto na questão da ressurreição, quanto da transfiguração, a roupa é branca, já o amarelo simboliza o dourado, que é luz, o vermelho e o azul simbolizam a realeza, porque, historicamente, trata-se das cores da roupa representada pelos imperadores e reis, e Cristo era visto como um rei, com a melhor roupa. Tudo o que fosse melhor, destinado aos reis, era representado nos afrescos, pois destinava-se a Jesus. Tudo isso dentro de uma compreensão bem simples e popular, que foi levantando contos históricos.

É como se víssemos uma figura renascentista própria daquela época, com toda uma característica histórica daquele tempo, cuja tradição perdura até agora.

**LV – Para quem acompanha as suas obras há um tempo, é perceptível que você mantém a tradição iconográfica, mas, ao mesmo tempo, parece rompê-**



**la, criando um estilo próprio influenciado, talvez, por Claudio Pastro. Você não chega a adentrar na Arte Religiosa, permanecendo na Arte Sacra, ou melhor, na iconografia sacra. Poderia comentar a respeito?**

MF – O meu trabalho é estilizado, eu também faço o tradicional, mas de forma estilizada, com um intermédio do Claudio Pastro, que trouxe a novidade do neobizantino. Quando falamos em Arte Sacra é importante nos atentarmos para a diferença que existe entre ela e a iconografia sacra, pois a primeira é muito abrangente, é sagrada, como o nome diz, já o ícone é sacramental. Se fizermos um estudo sobre iconografia bizantina, por exemplo, perceberemos a respeito; ele é presença viva. Todos os ícones possuem uma vela, uma luz, igual ao sacrário presente na Igreja, pois o ícone, após ser pintado, está sacramentado, presente.

Claudio Pastro falava que há a arte sacra, religiosa e bizantina. Dentro da igreja, se fizermos um estudo de acordo com a visão da teologia bizantina, vemos que ela é separada da Arte Sacra, pois, para os bizantinos, a Arte Sacra é banalizada, já a bizantina é pura, tradicional e litúrgica. A Arte Sacra possui imagens.

Quanto à minha influência por Pastro, eu sempre gostei de seus trabalhos e faço algumas telas com o estilo dele. Essa tendência começou a pedido dos meus clientes. Há padres, por exemplo, que me pedem trabalhos com o estilo do Pastro e eu faço. Alguns dizem preferi-lo, pois muitos não entendem o tradicional. E aqui não se trata de uma tela avulsa que eu faço para depois vender, é uma prestação de

serviço, eu zelo pelo cliente. Mas sempre tenho um grande cuidado, pois preciso ser fiel ao cliente, à Igreja, à teologia e à iconografia. É necessário ter essa fidelidade para que meu trabalho não vire apenas uma obra de arte decorativa, algo que não pode acontecer dentro da Igreja.

**LV – Ao contrário da Arte Religiosa, no ícone, as impressões do artista nunca aparecem?**

Exatamente, pois o iconógrafo não se deixa levar pelo sentimento, como o artista comum que é movido pela emoção, envolvido pelo sentimento, pelo seu psicológico. Na iconografia, trata-se da história e da intenção da igreja, da motivação de um determinado painel. Por isso, há um tema a ser refletido, rezado e pesquisado, existe uma teologia trabalhada, pois a palavra de Deus é imagem.

**LV – Diferente de outras obras, o ícone não leva a assinatura de quem o fez?**

MF – Todos os ícones possuem assinatura, até mesmo os mais antigos, seja atrás ou na lateral da obra; se alguns não a possuem é porque ela já está apagada, pois se costuma pegar muitos ícones por baixo, como os evangeliários, e o próprio suor das mãos pode apagar a escrita, mas ela é sempre colocada nele. Assim, se a assinatura não é colocada na frente do ícone, como os gregos faziam, é inserida na parte de trás e cada povo possui a sua tradição, a grega é uma, a russa é outra etc.

Além disso, a assinatura é uma forma de proteger determinada peça como obra de arte e não há como dizer o que é certo e errado, pois a assinatura, ao contrário do



ícone, não tem nada a ver com a questão teológica, trata-se da questão do ateliê do artista. Atualmente, todos os iconógrafos que acompanho e conheço assinam o ícone, no entanto, assinam com letra grega, a qual, muitas vezes, não é reconhecida.

Também é importante pensarmos que existem vários tipos de iconografia: a copta, a russa antiga, a russa moderna, a neobizantina, a grega, a greco-russa, a greco-católica, a greco-polonesa e que cada uma delas possui uma característica. Há ícones que são praticamente renascentistas, com rosto bem mais claro, e há outros com rosto bem mais escuro, como os ícones russos.

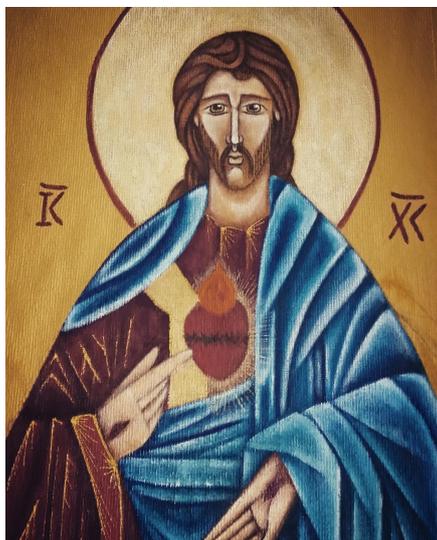
Já na Grécia tudo é bem dividido, pois cada ilha tem um ateliê diferente em que se pinta de uma maneira, há um monge que foi discípulo de outro e assim, sucessivamente. Não existe ninguém com uma identidade surgida do nada, todo mundo possui influência de alguém, tudo é um processo até se chegar a um consenso. Além disso, o iconógrafo começa seu trabalho pintando de uma forma e o termina de outra.

Daqui a dois anos, eu, por exemplo, atuei de forma totalmente diferente de como atuo hoje. Isso é algo natural, pois a palavra de Deus também é viva, ela se modifica, melhora, e a nossa leitura e interpretação da palavra hoje já é diferente da forma como a víamos há dois anos. Esse movimento é muito bonito, porque nós não nos prendemos a uma inspiração somente nossa. A inspiração existe, mas não vem dos nossos sentimentos, mas de uma experiência espiritual.

**LV – Ao contrário do Ocidente, onde ocorreram muitos rompimentos devido, de modo especial, à presença dos “bárbaros”; no Oriente, tais rupturas não ocorreram. O Império Bizantino, por exemplo, foi a continuação do Império Romano. Assim, na iconografia, é importante estudar a bizantina. Diante disso, quais as dificuldades encontradas pelos iconógrafos ocidentais?**

MF – É muito complicado se um ocidental se torna iconógrafo e passa a ser criticado; pois, se não ele não pinta ícones e nem os coloca na igreja, é criticado da mesma forma. Logo, há uma competitividade, uma barreira histórica que perdura até hoje. Se quebrarmos a cabeça com fundamentos históricos, acabamos banalizando, não mergulhamos direto na riqueza da iconografia em si.

Em minhas obras, eu tento não romper com a tradição, na verdade eu não vejo como rompimento, eu me inclino, como um bambu que não se rompe, ao movimento do tempo presente, pois a modernidade está aí, eu sou ocidental e, no Ocidente, a Igreja Latina se encurva diante da modernidade, mas sem romper com a tradição, com a teologia e sua base. Os meus ícones possuem essa característica. Por exemplo, se eu pinto um Sagrado Coração de Jesus, que está completamente fora da iconografia, é porque o nome da paróquia é Coração de Jesus. E se essa paróquia foi assinada pela Santa Sede como Santuário do Coração de Jesus, quem sou eu para contestar? Afinal, não sou melhor do que o Papa e nem do que um iconógrafo que me critica, por exemplo.



**Figura 1**

**Sagrado Coração de Jesus, Maria Fonseca**

A iconografia é a Igreja, é considerada canônica. Então, se a iconografia bizantina é considerada canônica, por que não acompanhar também toda essa questão de forma mais limpa? As igrejas de hoje são mais modernas e limpas, visualmente. Não é só a arquitetura que tem que ser limpa, visualmente, a iconografia também, o que depende do artista.

**LV – Quais são os principais trabalhos que você já realizou e realiza?**

MF – São os trabalhos maiores. Eu fiz uma iconografia no Memorial Cristiano Varella, em Muriaé/MG. Eu fiz três painéis muito bonitos e grandes na igreja matriz de uma cidade chamada Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte. Também fiz uma iconografia que me marcou muito em Santa Catarina. Eram quatro painéis. Além de inúmeros outros.

**LV – Há alguma obra sua postada nas redes sociais que gerou uma repercussão maior do que a esperada?**

MF – Sim, uma tela chamada **Pecadora arrependida**, que eu fiz para a minha mãe e está em meu ateliê. É a obra mais curtida de todas.



**Figura 2**

**Pecadora arrependida, Maria Fonseca**

**LV – Já fez outros tipos de pinturas que não fossem Arte Sacra?**

MF – Já fiz sim. Gosto muito de pinturas tradicionais do estilo Rembrandt e Monet. Gosto mais do estilo de Rembrandt que é mais escuro, natureza morta.

**LV – Qual é a sua formação?**

MF – Eu fiz faculdade de *designer* e larguei o curso na metade devido ao trabalho. Hoje eu curso Teologia Católica Romana. Fiz cursos de liturgia, sou liturgista, e também de iconografia bizantina com Cláudio Pasto. Eu sou autodidata. Há três anos, fiz meu primeiro mosaico em Fortaleza, numa igreja chamada Nossa Senhora da Piedade, pertencente aos Salesianos, foi um dos



ícones mais bonitos do Brasil. Eu fiz **dois anjos**, no estilo tradicional, com pedras e pastilha de vidro, devido à falta de material. Eu passei oito meses neste trabalho.



**Figura 3**

Mosaico na Paróquia Nossa Senhora da Piedade,  
Mária Fonseca

### **LV – Como foi atuar com Cláudio Pastro?**

MF – Eu não cheguei a atuar com o Pastro, fiz apenas um curso com ele aos 16 anos de idade. Eu era ajudante de pintor, praticamente, e todos os demais que estavam lá eram mais velhos do que eu e formados, enquanto eu ainda era estudante. Eu aprendi muito, comprei os livros dele e comecei a pesquisar sobre liturgia, pois, por ser bem teórico e litúrgico, o curso acabou me despertando uma paixão pela liturgia e não pela arte sacra em si.

### **LV – Qual a relação entre a liturgia e a Arte Sacra?**

MF – A Arte Sacra faz parte da liturgia, não é algo paralelo a ela. Eu costumo dizer

que os painéis participam do culto. Por isso, nenhum santo e ícone ficam encurvados, eles apresentam uma postura solene, como o acólito, o diácono e o próprio padre.

As vestes são litúrgicas, assim como os elementos que compõem o painel e que também estão compondo a mesa da eucaristia, o batismo. Tudo é algo único. Eu acredito numa harmonia divina que envolve tudo aquilo e é apaixonante. Não há como não se apaixonar, especialmente, quando se começa a estudar um pouco a respeito. Ao estudarmos a história da Igreja, vemos que há coisas erradas, mas também há tanta busca pelo acerto. Onde existe pecado, existe a superação pela graça de Deus. Portanto, se alguém se chateia com a Igreja, é porque não a conhece profundamente.

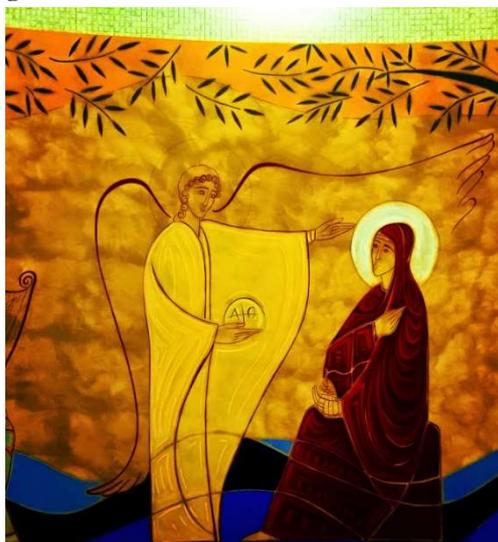
Algo que é importante ressaltar também é que a revelação divina é para nós, pois Deus não precisa ser revelado para ele mesmo. Os sacramentos foram criados para o homem, pela necessidade humana, porque ele precisa tocar e sentir. É a harmonia de elementos que envolve os sentidos, o olfato, o paladar, a visão. A eucaristia é para nós, não é para Jesus, não é ele que precisa que nós o adoremos. Ele não necessita disso, somos nós que temos essa necessidade. Esse é o prazer que Deus quer compartilhar. Por que as pessoas se sentem satisfeitas quando saem da missa ou de um momento eucarístico? Porque elas se sentem plenas de algo. É esse prazer dividido que Deus nos oferece, existe um mistério dentro de tudo isso.

Eu me lembro de pintar um ícone numa igreja, e havia um ateu que ia todo dia a



essa igreja e dizia que não acreditava em nada. Quando eu terminei o trabalho e expliquei a ele o significado do ícone, ele me disse que o sentia olhar para ele e que sentia a sua presença. É algo para se refletir: um ateu dizer que sentiu a presença de algo por meio do ícone. No entanto, eu, ali, sou apenas a moça que segura o pincel.

Há pessoas que dizem sentir que o ícone as observa, conforme elas caminham. Eu respondo que isso não é de propósito, às vezes, realmente acontece, existe um mistério por trás de cada coisa, é algo proveniente de Deus mesmo, não pertence a mim. Depois de pronto, eu digo que o painel não é meu, fui eu que fiz, mas ele não me pertence mais, passa a pertencer à igreja. A tela não é minha, é como se eu cortasse o cordão umbilical, pois o artista, realmente, possui um vínculo com a sua obra como se esta fosse sua filha e é mesmo, pois damos todo o suor, o cansaço, temos que lidar com o cliente, por isso é difícil colocar toda a beleza num lugar só.



**Figura 4**  
**Anunciação, de Maria Fonseca**

Seria uma situação diferente se eu estivesse num ateliê de iconografia, pintando sozinha e rezando. Quando se está numa igreja, o ambiente é totalmente distinto, há a parte positiva e a negativa, pois subimos e descemos no andaime, às vezes estamos cansados e vem alguém perguntar algo, então, é necessário mergulhar naquilo, algo difícil. Além disso, é preciso ser profissional ao mesmo tempo, sem deixar que o profissionalismo interfira no trabalho.

#### **LV – Você acha que há uma forte presença da iconografia bizantina nas igrejas do Brasil? Comente.**

MF – Ainda não, está ocorrendo um aumento da iconografia, mas não uma forte presença. É uma luta para isso, pois há uma falta de conhecimento a respeito. Uma vez um padre tirou uma imagem da igreja e me pediu para fazer um ícone no lugar, eu quase fui hostilizada por alguns, por isso e tive que esclarecer que estava apenas prestando serviço. Também já pintei uma Nossa Senhora com veste branca, pois é bem apocalíptico, e fui questionada por um padre recém-ordenado que, em sua tese de doutorado, afirmava que ela deve ser pintada de cor púrpura. No entanto, a cor da veste de Nossa Senhora da iconografia bizantina tradicional é vermelha, mas também há a azul, que é a mais moderna.

Nossa Senhora usa a veste das rainhas, das imperatrizes, por isso o manto vermelho, a cor púrpura também tem sentido, pois foi um pigmento mais caro do mundo, de modo que era necessária uma roupa muito



boa para ser tingida nesta cor, já que ela poderia rasgá-la. Portanto, somente os ricos possuíam roupas na cor púrpura. Por isso a associação a Nossa Senhora. Além disso, como eu já falei, existem várias iconografias e, no meu caso, eu tendo mais para a grega.

Também se utilizava a cor púrpura com o azul por dentro, e o nimbo (*disco ou círculo luminoso envolvendo a cabeça para realçar uma característica de divindade ou santidade*) e a túnica na cabeça, que é uma espécie de touca que cobre o cabelo, algo próprio daquela época, quando as mulheres não podiam mostrá-lo. Algo diferente de **Maria Madalena**, que é representada com o cabelo aparecendo, devido à imagem que tinham dela. Pois ela foi considerada **mulher da vida**, por não ter se casado e ter sido amante de vários homens casados da sociedade, até ela conhecer Jesus. Acredita-se, inclusive, que várias mulheres citadas na Bíblia sejam Maria Madalena. Alguns estudiosos acreditam que é a mulher da passagem bíblica em que Jesus ordenou que lhe atirassem a primeira pedra quem não tivesse pecado, outros que seja a mesma da passagem do poço de Jacó, devido à fala de Jesus de que ela não tinha marido por ter tido vários.

**LV – Você não acha que a forma como se referiam a Maria Madalena também está relacionada a uma construção imagética política e machista, considerando que ela era uma das líderes incontestes da igreja primitiva?**

MF – Sim, também há tais questões envolvidas pois, naquela época, nenhuma

mulher poderia estar a frente de nada, a não ser da cozinha.



**Figura 5**

**Pantocrator**, Capela de Santa Luzia, Maria Fonseca

**LV – No entanto, Maria Madalena foi discípula de Jesus, já que ele foi o único mestre, na época, a aceitar mulheres como suas discípulas, algo considerado uma revolução, naquele período, pois elas não participavam de nada.**

MF – Exatamente, sem contar que ela foi a primeira a ver o milagre da ressurreição, mas as pessoas não acreditaram nela quando contou a respeito.

**LV – Há muitos artistas iconógrafos hoje?**

MF – Não, existem poucos artistas que fizeram curso de iconografia e possuem uma arte mais estilizada. No entanto, estão



surgindo muitos artistas iconógrafos, no estilo bizantino mesmo, com grande talento, porém com pouca pesquisa, bem tradicionalista. No Brasil, ainda há poucos, temos o Dom Ruberval, que é um iconógrafo brasileiro do mesmo período do Claudio Pastro. Há os discípulos do Pastro, com o mesmo estilo dele, já que ele fez um estilo próprio, que é uma espécie de neobizantino, porque não é bizantino, mas algo mais contemporâneo.

E há muitos outros artistas sacros que têm talento e pintam muito bem, porém não são iconógrafos. Eles foram seminaristas, participaram de algum movimento, como eu, que fui leiga consagrada, e hoje se dedicam a isso porque são apaixonados. Como eu disse: quando encontramos a liturgia, nos apaixonamos por ela, poderíamos estar pintando outra coisa, mas não, trata-se de algo apaixonante.

Algo que me dói é o fato de muita gente já ter manifestado a vontade de fazer curso e/ou trabalhar comigo, porém eu gosto de trabalhar só, pois sou muito perfeccionista. É difícil lidar com pessoas, com cliente, trata-se daquele conflito entre ser artista e profissional. Eu digo isso por experiência própria, pois, se sou uma empresária, é preciso ser profissional e, ao mesmo tempo, ser uma artista sensível e fiel à Igreja, além de lidar com funcionário, é uma tarefa difícil e cansativa.

Por isso, me dói ver pessoas dizerem que, se fizerem um curso comigo, já poderão pintar igrejas; virou algo mercadológico. Claro que os interessados acham o trabalho bonito, mas no meu caso, por exemplo, foi diferente, pois eu entrei neste ramo, despretensiosamente,

sem intuito de ganhar dinheiro. Óbvio que chega um momento em que é preciso pagar as contas e surge a necessidade de cobrar pelos trabalhos, mas o intuito deve ir além.

Cláudio Pastro, por exemplo, cobrava muito caro pelos seus trabalhos, mas era muito competente e reconhecedor do próprio talento. Ele pegava uma linha contínua e fazia um desenho inteiro, era um gênio modernista, teólogo e arquiteto. No entanto, ele era muito criticado por vários iconógrafos. Quando ele morreu, todos passaram a amá-lo. E eu fico triste com as pessoas que querem se promover à custa dele. Ele aceitava pessoas para lhe ajudar, porém, elas tinham que custear tudo.

No meu caso, eu não quis atuar com ele, pois meu interesse não era seguir essa linha, acabei tendendo a ela devido aos clientes. Minha linha é a iconografia bizantina, meu sonho é fazer um *Pantocrator* gigante, em um fundo com folha de ouro de 23 quilates. Eu já pintei um *Pantocrator* gigante e uma Trindade em grupo, quando eu pertencia ao *Shalom*, e posso dizer que a pintura numa igreja grande é menos trabalhosa do que numa tela pequena. Por exemplo, em Fortaleza eu tive que pintar umas telas pequenas e muitos queriam que eu a fizesse como se fosse um painel gigante. Demorei seis meses para concluir 14 telas.

Eu até já pensei em parar, mas Deus não deixa, as demandas aparecem e eu não consigo dizer não, mas não é fácil viver de arte. No entanto, hoje eu penso em estudar teologia, fazer um mestrado futuramente, pois chegará um momento



em que não será mais possível subir num andaime, por exemplo.

**LV – Você se considera uma católica fervorosa? De que forma isso influencia em seu trabalho?**

Eu não me considero. Não estou vinculada a nenhuma paróquia, pastoral, comunidade, ordem religiosa ou fraternidade. Para mim, ser católica é como ser judeu, é uma questão de fé. Você nasce dentro daquela religião; fervoroso, para mim, é aquele que se torna católico. Eu não sou fervorosa, não tenho vínculo com nada, mas tenho a minha fé, eu conheço pouco, mas procuro conhecer sempre mais, afinal também tenho que conhecer para trabalhar. Há muitas coisas que passei a conhecer após fazer pesquisas para os meus trabalhos e isso é muito bom.

Acredito que a espiritualidade seja própria do ser humano. Eu, que fui consagrada e vivia em retiros, sinto essa necessidade, eu a busco sem ter vínculos com paróquia, pastoral, nenhuma instituição, trata-se de

uma busca minha, algo individual. Eu tenho a minha espiritualidade que me foi plantada desde a minha infância e eu a trago até hoje. Eu considero isso muito importante porque nos meus painéis, por exemplo, acho muito interessante a modernidade presente neles e, na iconografia, as crianças se identificam melhor com os traços. Isso é catequese.

Quando eu vou à missa, não vou porque Jesus me ama, mas porque eu o amo, eu vou por amor a ele; pois, por mim, eu poderia ficar no conforto da minha casa, lendo um romance, no entanto, eu procuro ler um livro que me alimente espiritualmente, como de Santa Tereza, isso não me torna tradicionalista, como as ideologias impõem, afinal os santos estão aí para nos ensinar. Acho que existe uma divisão na Igreja quanto a isso. Só que Deus é tão simples, pois eu posso estar observando uma árvore e falar com ele, Deus também nos fala pelo nosso autoconhecimento.

Mariana da Cruz Mascarenhas<sup>i</sup>



---

<sup>i</sup> Mestra em Ciências Humanas, especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior e em Comunicação Empresarial, graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo.

Assessora de comunicação e pesquisadora-membro do Centro de Estudos Imagéticos CONDES-FOTÓS Imago Lab da JackBran Consult.